

# Faltam recursos nos bancos para financiar as exportações

por Sônia Jourdani  
de São Paulo

Os empresários reclamam e os bancos confirmam: o dinheiro é curto no mercado para o financiamento das crescentes vendas brasileiras no exterior. A escassez de crédito é mais evidente nas operações de "pre-export", que cobrem basicamente as vendas de manufaturados e têm, como principal fonte de recursos, os compromissos assumidos pelos credores privados do Brasil no âmbito do projeto 3 da renegociação da dívida externa.

Pelo projeto 3, os credores garantiram a manutenção de uma linha global de crédito de US\$ 10,3 bilhões para financiamento de importação e exportação. Está aí a origem da falta de recursos: "Com a previsão brasileira de somar US\$ 25 bilhões em vendas externas neste ano, estimativa

de resto conservadora, pois tudo indica que o País ultrapassará os US\$ 26 bilhões, é evidente que falta financiamento".

A observação foi feita por alta fonte de um dos dez maiores bancos norte-americanos, que hoje opera no limite da sua cota no projeto 3. E outras instituições, japonesas e européias, admitem estar recusando pedidos de financiamento. Em primeiro lugar por já terem esgotado suas cotas e, em segundo lugar, por estarem recebendo pedidos extras de exportadores que não são seus clientes. Aliás, para as chefias dessas representações bancárias, a movimentação dos empresários, de uma instituição a outra, é mais uma evidência da escassez de crédito.

Os bancos brasileiros, por sua vez, acreditam que no projeto 3 houve uma subestimação do esforço ex-

portador brasileiro e alertam que ele não poderá ser ampliado sem fontes de financiamento exteriores ao projeto 3. A composição do problema, porém, é vista pelas instituições nacionais da seguinte forma:

• O Banco do Brasil está impondo grandes restrições para a operação de exportações com "funding" em cruzeiros, devido a limitações de ordem orçamentária. É fato que isso deixa os empresários na mão, aumentando a demanda por pré-financiamento à exportação.

• Os superávits comerciais estão acima do previsto. E é fato que isso coloca o governo às voltas com uma indesejada expansão da base monetária.

Assim, segundo os bancos brasileiros, o governo está colocado ante o dilema de ampliar os financiamentos à exportação, expandindo a base monetária, e conter as exportações, comprometendo a possibilidade de um resultado além do previsto.

Para as instituições estrangeiras interessa que o Brasil venda o máximo possível lá fora, porque maior será o superávit na balança comercial. Menor, portanto, será o déficit no balanço de pagamentos e,

conseqüentemente, a margem de recursos com que deverão entrar para financiar este déficit.

## PRIORIDADE

Daí, segundo estas fontes, a prioridade de seus bancos ao financiamento às exportações, em detrimento dos créditos para importação. O First Pennsylvania Bank é um que, segundo o chefe do seu escritório em São Paulo, não só apóia incondicionalmente transações de exportadores brasileiros com importadores norte-americanos como também acaba de reforçar este apoio ultrapassando em US\$ 5 milhões sua cota no projeto 3.

Outros bancos relutam, mas não descartam a possibilidade de seguir esse exemplo. Afinal, todos os escritórios norte-americanos ouvidos ontem, ao explicar sua preferência pelo financiamento às exportações, mencionaram que essas operações oferecem um giro de recursos mais rápido que as de importação e oportunidades maiores de repasse do risco para o importador. Mas por fim acabaram admitindo uma razão ainda mais prática para esta preferência: as exportações geram dólares para pagar a dívida.